

O Quintal dos GUERRILHEIROS*

José Saffioti Filho*



Mãos do mundo - Fotos de Touhami Emmadre

O combinado foi que deveríamos nos reunir à noite, no quintal da casa do Alfredo, onde havia espaço suficiente para a operação.

Pela manhã, na escola, circulavam rumores sobre a repressão. O Congresso fora fechado pelo AI5, a imprensa estava sob censura, políticos sendo presos, boatos proliferando, pânico e medo geral. Alguém soprou que o Padre Zequinha, professor de Filosofia, popular pelas idéias avançadas, já havia dado no pé. A polícia, diziam, poderia entrar na casa de qualquer um, sem pedir licença. E, encontrando material subversivo, a família inteira iria presa.

Magali, Alfredinho e eu estávamos assustados com o inesperado fato novo. Apesar de adolescentes e desarmados, tínhamos fama de comunistas e maconheiros, não só pelas idéias que defendíamos como também pelo fato de estarmos sempre juntos, discutindo mais política que banalidades e desafiando professores com perguntas impertinentes.

Na última aula de Literatura, eu questionara o Quincas Borba, provocando o velho e asqueroso Professor Sebastião, conservador de extrema direita, simpatizante do golpe militar, dedo-duro que rotulava de comunista qualquer um que não compartilhasse de suas idéias.

No livro do Machado, intrigava-me o fato de Rubião imitar, na sua loucura, o sanguinário Napoleão III, também um golpista. E eu já sabia que outro maluco, Adolf Hitler, considerava o ditador francês seu ídolo político e militar. A curiosidade é que Hitler só nasceria três anos depois da publicação do romance brasileiro. Pobre, doente e marginalizado, Machado descarregou na loucura do Humanitismo do Quincas Borba toda a sua repulsa, no meu entender, pelas idéias de prepotência, da força e da hipocrisia dos privilegiados sociais, que tinha no Professor Sebastião um de seus mais qualificados baluartes. No fundo, no fundo, eu divagava

e polemizava para, inocente, criticar os militares e o mestre reacionário.

"Não é esse o problema", tranqüilizou-me Magali. "O perigo está no material que temos em casa. Vamos pegar todos os livros, discos e pôsters e queimar tudo, antes que o DOPS leve a gente".

Se ser preso já dava medo, os boatos sobre torturas e mortes apavoravam ainda mais. "Devemos botar fogo em tudo que possa ser considerado subversivo", insistiu Magali.

E o que seria, exatamente, subversivo?

"Qualquer coisa que vá contra o regime. Qualquer coisa que eles não aprovem e considerem perigoso. O negócio é a gente juntar tudo, colocar num saco ou numa mala, fazer uma pilha e botar fogo, como nos tempos da inquisição".

O quintal do Alfredinho foi uma escolha natural. Era o maior de todos, com muros altos impedindo a bisbilhotice dos vizinhos, muito espaço com terra e, sorte nossa, com toda a casa à disposição. O resto da família estava passando a semana no Guarujá, aproveitando as férias do pai, bancário com direito a colônia de férias.

Eu, independente, e Magali, com pais liberais, avisamos em casa que passaríamos a noite fora, na casa do Alfredo, fazendo companhia e acompanhando pelo rádio as notícias que esquentavam o País.

Sentados em círculo, com uma montanha de livros, discos e papéis de toda espécie amontoados, sob um céu carregado de estrelas e uma lua que, de tão forte, dispensava outra luz, começamos a operação clandestina.

Resignado, coloquei à disposição da fogueira um pôster do Guevara, uma foto do Kruschev batendo na mesa da ONU com um sapato, as biografias de Martin Luther King, Gandhi, Bertrand Russell e um caderno de recortes com artigos do Alceu Amoroso Lima no Jornal do Brasil.

Alfredinho colocou em julgamento seus discos favoritos, incluindo Villa-Lobos, Stravinski, Janis Joplin e Joan Baez. Magali, que pretendia ser cantora, não entendeu o critério. Alfredo tentou explicar: "Os americanos fazem música de protesto. São subversivos por lá. Apesar que os Estados Unidos apóiam os gorilas brasileiros... Mas acho bom não arriscar. O Stravinski é russo. Na opinião deles, isso já dá cadeia. E o Villa-Lobos é bom demais, é um brasileiro reconhecido no mundo inteiro e só isso já basta para despertar suspeitas. Quem garante que o Villa-Lobos não foi comunista? É melhor não correr o risco".

Impressionada, Magali concordou, dizendo que, pelo mesmo critério, recolhera de sua biblioteca A Mãe, de Gorki, Lolita, de Nabokov, o roteiro de O Encouraçado Potemkin e, da estante da mãe, o Doutor Jivago, do Pasternak. "Foi o que, de autor russo, eu encontrei".

Pelo que sabia, tranqüilizei-a, o Pasternak não era simpatizante comunista. Muito ao contrário. Alfredinho lembrou que Gorki fora amigo de Lenin. Mas, por outro lado, acrescentei, há boatos de que fora assassinado a mando de Stalin, por defender intelectuais perseguidos pelo regime. "Não quero nem saber", sintetizou Magali. "Se é russo vai pro fogo. Eu nem quero discutir".

Emocionado, com o Eisenstein nas mãos, recordei que uma das cenas mais impressionantes do cinema havia sido a do combate entre soldados e povo na escadaria.

"Eu sempre falei Potemkin, do mesmo jeito que se escreve", resmungou Alfredinho. "Por que você pronuncia Potionkin?"

Expliquei que o Penalves, diretor do Cineclub 16, pronunciava daquele jeito. Portanto, devia ser o certo. Será que o Penalves, naquelas horas, já estaria preso?

"Que tal se a gente tomasse um pouco de vinho?", sugeriu Magali. "Quem sabe, assim, a gente não fica na fossa. Você tem vinho em casa, Alfredinho?"

Boa idéia, concordamos. Muito justo que, diante da situação, atacássemos a famosa adega dos pais do anfitrião. O vinho - a primeira garrafa terminou em poucos minutos - serviria para levantar nosso astral. Aberta a segunda garrafa, resolvemos transportar garrafas e copos para o ambiente de trabalho. Mais confortados, animados e falantes retomamos a triste tarefa. Fred resolveu incrementar a operação com trilha sonora, embalando nossa guerrilha com discos de Gil e Elis, meus favoritos, junto com os de Vandré e Chico, preferidos de Maga, todos no chão espalhados, prontos para serem queimados.

Alfredinho, quase chorando, nos mostrou a capa do "Revolution". Eu achei um exagero. Fora o título sugestivo e a declaração do Lennon, dizendo que os Beatles eram mais populares que Cristo, o que é que havia de errado? Fredinho, fungando, traduziu um trecho da letra: Você diz que vai mudar a Constituição. Sabe? É melhor liberar sua mente primeiro.

Eu e Maga ficamos admirados e surpresos, impressionados com as estratégias subliminares dos cabeludos ingleses. Isso provocou uma breve divagação sobre como a Inglaterra significava vanguarda e como era triste nascer no terceiro mundo. Pausa para nos apropriarmos de velas e lanternas.

E underground, seria subversivo? O que tínhamos de underground? Pra mim, tudo que fosse pop seria, em princípio, subversivo. Warhol, por exemplo. Aproveitei para mostrar meu livro importado, todo ilustrado com trabalhos do Andy, da Marilyn Monroe às latas de sopa.

"E o Obelix?", lembrou Magali. "Ele ataca Júlio César com menires". Ela era tarada no Asterix e na Mafalda, garota argentina extremamente inconveniente e muito politizada para a idade. É melhor queimar tudo, aconselhei. Ela lamentou, com certo alívio, que nem lhe ocorrera trazer as histórias em quadrinhos, deixando tudo em casa. "Amanhã eu faço picadinho e jogo na privada".

Resolvemos buscar mais vinho. Que tal fazer um balanço geral, separando de um lado tudo que fosse inquestionavelmente subversivo e, do outro, autores e



Mãos do mundo - Foto de Touhami Ennadre

obras que exigissem julgamento mais criterioso?

A lista da fogueira crescia: Revolução dentro da paz, com autógrafo de D. Hélder; Deus e o diabo na terra do sol, do Glauber, Vidas secas, do Graciliano (lembramos como choramos com a morte da Baleia); Liberdade, Liberdade, texto da peça do Flavio e Millor; O Rei da Vela, do Oswald (e, por via das dúvidas, o Macunaíma, do Mário) e Os 120 dias de Sodoma, do Marques de Sade (pornografia também seria um elemento desestabilizador da ordem, família e propriedade). Diante desse novo enfoque, Fred apareceu com nova pilha de livros, incluindo O amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence; Morte em Veneza, do Mann; Fome, do Knut Hamsun; Ratos e Homens, do Steinbeck; O apanhador no campo de centeio, do Salinger (três exemplares no total, pois cada um trouxera o seu), Giovanni, do Baldwin (personagem que, além de homossexual, era negro); e A Tragédia de Minha Vida, do Wilde (Maga e eu nos entreolhamos, estranhando tantos livros com temáticas similares na biblioteca do Alfredinho).

Se vamos queimar o livro de D. Hélder, ponderei, por que não a encíclica Pacem in Terris, do João XXIII? Todos concordaram. O livrinho vermelho do Mao Tsé-Tung? Sem discussão.

Magali separou uma série de autores brasileiros que, por precaução, deveríamos incluir: Capitães da Areia (menores abandonados), de Jorge Amado (comunista confesso), autores como Sabino, Cony, Condé, Veríssimo, Guimarães Rosa e o Quarto de Despejo da Carolina Maria de Jesus (negra e favelada, personalidade agressiva, muito revoltada, crítica do governo e questionadora do sistema). Claro que, vez por outra, como nesta, nos rolávamos de rir, diante dos absurdos. "É melhor parar de brincar", adverti. "Isto está virando uma farra".

"Estes três não têm perigo", interrompeu Alfredinho, separando Vestido de Noiva, do Nelson Rodrigues (perseguidor da igreja progressista); Casa Grande e Senzala, do Gilberto Freyre (notoriamente de direita, perseguidor implacável do Arcebispo Vermelho); e Reinações de Narizinho, do Lobato (se fosse o "Urupês", vá lá). Concordamos e acrescentamos outros, realmente dignos de serem salvos: A outra volta do parafuso, do Henry James; "Ulisses", do Joyce (que juramos ter lido na íntegra); A Doce Vida, do Fellini (os ataques à igreja, à imprensa e à burguesia tinham como referência a realidade italiana, ponderamos, sem nada a ver com o Brasil); e Don Camilo e seu Pequeno Mundo, do Giovanni Guareschi (visto que Peppone, comunista confesso, era o vilão da história, sendo que Don Camilo, o herói, tinha a colaboração direta de Jesus Cristo).

Nenhuma discussão na hora de enquadrar Orwell. Em 1984, concluímos, havia muita semelhança entre o Big Brother e o SNI. Queima, lógico. E, assim sendo, nada mais justo que também queimássemos o Fahrenheit 451, do Bradbury, sobre uma sociedade intolerante que, coincidentemente, também incendiava bibliotecas e livros. E O Processo? Kafka, muito cínico, não deixava dúvidas sobre a identidade dos jurados. O processado, o injustamente perseguido e condenado era, sem dúvida, o

povo.

Turma, que horas são? Já passou da meia-noite e ainda estamos aqui? É melhor servir outro vinho.

"Quantas garrafas já tomamos?", quis saber Magali. "E importa?", retrucou Alfredinho. "Amanhã poderemos estar mortos".

Ficamos pensativos, com ar fúnebre. Pintou uma inquietação consciente, de que as coisas não eram absolutamente engraçadas, a noite silenciosa nos cercando, o medo do escuro e do futuro. Então fazemos um brinde, desejando sorte ao Brasil e longa vida a todos nós. E vai pra fogueira: um pôster do Fidel, dois livros do Sartre, uma revista com Allende na capa e um artigo sobre Freud (essa história de complexo de Édipo servia claramente para desestruturar a família).

Morrendo de dó, entreguei aos algozes meu livro de bolso sobre Foucault. Antes, como despedida, decidi ler alto meu trecho favorito: "Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo. É uma moral de estado civil que rege nossos documentos. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever". Muito sérios e solenes, meus dois ouvintes assentiram, em apoio à condenação.

O Poemas do Cárcere, do Ho Chi Minh, não tinha mesmo salvação. Expliquei que era um livro raro, comprado num sebo em São Paulo, como se o argumento adiantasse. "Se levo fortemente atados os meus braços, ouço os pássaros, sinto o perfume das flores... Quem me pode impedir essa felicidade, que me faz menos só e a marcha menos triste?".

"Marcha?", ironizou Magali com sadismo.

E, indignada, salvou num salto um livro jogado na pilha. "Desde quando o Fernando Pessoa é comunista?"

"Não é?" - gaguejou Alfredinho constrangido. "Eu pensei que fosse".

Ponderei que a Tabacaria abordava situações com muita dubiedade. "E daí?" - enfureceu-se Magali. "Toda poesia é dúbia. Todos os poetas são dúbios". Apaixonada e embalada, agigantou-se como num comício: "Todos os amantes beijaram-se na minh'alma. Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim. Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu ombro. Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes. E houve um segredo que me disseram todos os assassinos."

Perplexos, nos entreolhamos, com ar de inquietação. No meu entender, o trecho era claramente subversivo. Magali, em dúvida, nervosamente tomou mais um gole, esperançosa no parecer de Alfredinho que, covarde, começou a ler Drummond: "No meio do caminho tinha uma pedra... tinha uma pedra no meio do caminho... tinha uma pedra... no meio do caminho tinha uma pedra".

Magali, tremendo, gemeu um riso tenso. "Uma pedra, né? Agora é que eu quero ver. Alguém tem dúvida sobre a identidade da pedra? Vocês entenderam o que ele quis dizer com essa pedra?"

"Lógico que sim!", ofendeu-se Alfredinho. "É melhor queimar, decretei. E, considerando o adiantado da hora, e que todos nós já

havíamos bebido bastante, e visto que toda a vizinhança já estava dormindo, estando também as Forças Armadas nos braços de Morfeu, que tal se colocássemos um basta em tudo aquilo e, corajosamente, ateássemos fogo, sem pestanejar e sofrer, em todo esse material subversivo? Assim, num gesto rápido, sem pensar, repensar e remoer?

Em silêncio, Magali e Alfredinho despencaram. Havia chegado a hora da decisão, que todos nós estávamos protelando. Tínhamos, como adultos, de enfrentar a indesejável realidade. Já não mais poderíamos ser adolescentes, nem românticos, nem sonhadores.

"E se a gente tomasse, antes, a saideira?", sugeriu Alfredinho entusiasmado, disfarçando o nó na garganta. "Ainda temos dois vinhos. E a noite ainda é uma criança". Magali, a Maga, abriu os braços, entregando-se. Eu, solidário, endosse.

Quando o dia começou a clarear, o frio da manhã nos surpreendeu, em comunhão na neblina, cheios de encantamento, a olhar para o sol que nascia, alegres e solenes heróis, perfumados de suor e álcool, declamando numa só voz, apaixonados: "Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos". Desafiadores, gritando: "A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão!".

Hoje, ao pôr ordem na biblioteca, ou ao tirar a poeira dos livros, os cheiros da madrugada retornam. Folheio comovido os companheiros daquela noite, salvos por decisão unânime do grupo, qualquer que fosse o risco de nossas vidas. Livros queridos, amarelados pelo tempo, uns caprichosamente encapados, outros arrebatados, despencando capas e páginas, pedaços, anotações, rabiscos.

Magali morreu metralhada aos 22 anos, emboscada num aparelho terrorista no sertão de Pernambuco. Fred sufocou seus medos aos 23, suicidando-se com gás, a cabeça dentro do fogão, o



*José Saffioti Filho - escritor e dramaturgo. "O QUINTAL DOS GUERRILHEIROS" está incluso no livro de contos 7 QUINTAIS, inédito. O autor já publicou Meu Teatro no Papel (seis textos para teatro) e O Abrigo das Asas (ficção).